

“Perdão por não querer dizer...”: o segredo da literatura de Abraão a Derrida

Fernanda Bernardo

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Resumo

O motivo do segredo *ab-soluto* é aqui o fio condutor para repensar a Literatura a partir da Filosofia, ela mesma repensada a partir do seu timbre desconstrutivo, e para salientar a sua *transversalidade* (mais do que interdisciplinaridade) de princípio: distinguindo a *proveniência* da Literatura do evento da sua *instituição*, tenta-se mostrar como a *experiência secreta do segredo* se revela o segredo da própria Literatura e da aporia do perdão, permitindo-nos por fim não mais do que enunciar telegraficamente uma dupla hipótese à laia de tese: por um lado, a assaz surpreendente hipótese da filiação bíblico-abraâmica da Literatura; por outro, a hipótese da singular indissociabilidade existente entre Literatura e Democracia bem como da *instância ética*, hiperética, que a dita e magnetiza.

Palavras-chave: segredo; perdão; literatura; filosofia; Derrida.

Abstract

The motif of secrecy is here the guiding thread for rethinking Literature from Philosophy, which is itself rethought from its deconstructive tone, and for enhancing their transversality (more than their interdisciplinarity) of principle: by distinguishing the *provenance* of Literature from the *event of its institution*, we will try to show how the *secret experience of secrecy* reveals itself to be the very *secret of Literature* and of the aporia of the pardon. This will allow us, in conclusion, to telegraphically enunciate a double hypothesis by way of a «thesis»: on the one hand, the rather surprising hypothesis of the biblical-Abrahamic affiliation of Literature, on the other hand, the hypothesis of the singular indissociability between Literature and Democracy, as well as of the ethical, hyper-ethical, instance that dictates and magnetizes it.

Keywords: secrecy; pardon; literature; philosophy; Derrida.

para

Eduardo Lourenço

Il y a là du secret.

J. Derrida, *Passions*

Plus de secret, plus de secret

J. Derrida, *Séminaire, Répondre du secret*

Sem contexto e sem frase – “perdão por não querer dizer...”

“Perdão por não querer dizer...”: o segredo da literatura de Abraão a Derrida

Na ressonância desta “frase” à laia de título¹ e de *incipit* – que, pedindo perdão pelo segredo de um segredo que não (se) confessa, pressagia já a meteorítica aparição da Literatura,² do devir Literatura da linguagem –, permitam que, em jeito de saudação, comece por *endereçar-me* a vós, leitores, *a cada um e a cada uma de vós*, com uma espécie de pergunta: gostam, por acaso, do segredo? De um segredo *ab-soluto* (*ab-solutum*)? Ou seja, não do segredo disto ou daquilo, mas de um segredo *absoluto*? Absolutamente secreto (*secretum*)?

É que, se possível, ou perguntando-me se possível, eu mais não farei do que tentar partilhar³ aqui convosco – *com cada um e cada uma de vós*, insisto – um segredo: o segredo de um segredo absoluto. Isto é, o segredo de um segredo do qual, em boa verdade, eu nada sei – nada que possa ser dito, fraseado, revelado, conhecido ou determinado. Nada, rigorosamente nada, para além do meu gostar do segredo e de, *incondicionalmente*, gostar de gostar deste segredo a guardar em partilha relativamente a um segredo que, de todo, não se partilha: um segredo que não tem, portanto, o sentido de alguma coisa, ou de alguma verdade, que se conhece e se quer ou se deseja e pode esconder – metafenomenológico, metaontológico, metateológico e metagnosiológico é, pois, a latitude e o recorte de um tal segredo. Um segredo talvez mesmo sem segredo, um segredo de polichinelo, um segredo de nada, mas de um *nada* que não é propriamente nada (do ser), que é ainda alguma coisa – um segredo que permanece secreto (*secretum, se cernere*).⁴ Absolutamente secreto. Totalmente alheio e heterogéneo ao sentido, à subjectividade, à religião revelada, à linguagem e à luz (*phos, lux*) – às luzes da fenomenalidade e ao *phainesthai* do espaço-público. Impassível! Inviolável!⁵ Indecifrável! Impartilhável! Numa palavra: *ab-soluto* (*ab-solus*)!

¹ Este título – “Perdão por não querer dizer” – é uma citação de Jacques Derrida de “A literatura no segredo” (2013a, p. 160).

² Filosofia e Literatura com maiúsculas ao longo deste texto em razão de nomearem áreas disciplinares e/ou de saberes.

³ Sem qualquer solipsismo, o *segredo* conjuga-se sempre com *separação* e, portanto, com *singularidade* (do eu) e com *solidão* – esta solidão é, no entanto, uma solidão acompanhada *por aquilo que* ou *por quem* não acompanha e que, paradoxalmente, é a *condição de possibilidade* de toda a *abertura* e de todo o *laço* com outrem. Neste sentido, apenas aqui se partilha o segredo de um segredo que não se partilha, mas que é condição de abertura e de relação com o outro *como outro* (DERRIDA, 1993, p. 69). É a cena da *experiência hetero-auto-nómica* [a única *experiência inexperienciável* (M. Blanchot [1955] *dixit*)], isto é, que é uma *provação*, uma *afecção*, um *pathos* (*ex-periri*)], que assim se descreve.

⁴ Distinguindo-o da semântica alemã do *Geheimnis* e da grega da *cripta* (*krypto, kruptos*), Derrida lembra amiúde na sua obra que “segredo” é uma palavra de etimologia latina (*secretum, se cernere*) cujo significado é *separação* ou *dissociação*.

⁵ “Há aí segredo. Mas ele não se dissimula. Heterogéneo ao escondido, ao obscuro, ao nocturno, ao invisível, ao dissimulável, até mesmo ao não-manifesto em geral, ele não é desvelável. Permanece

Estranho *incipit*, pensarão...

Para além de encenar a impossibilidade de começar, algures, pelo *princípio* (*arche /ἀρχή*) – confessando assim a decapitação da origem supostamente una, plena e presente, e *ipso facto* a divisão e a dissociação da origem e de origem, desde a origem, contestando desta forma a pretensão da gesta arqueológica e genealógica, mas confessando assim também a inelutável originariedade do luto⁶ do Eu soberano (estruturado e definido em termos de próprio, de consciência, de identidade a si, de vontade, de intenção, de decisão, de liberdade e de responsabilidade enquanto predicados, que não enquanto “*incondições*”, segundo o pensamento de Emmanuel Levinas) –, por quê, perguntemos, este tão estranho *quase-incipit a partir e em torno* do motivo do segredo, da irredutibilidade e da impartilhabilidade do segredo, *deste* segredo, mais precisamente, quando é suposto falar-se aqui de Literatura? De Literatura e da relação da Filosofia com a Literatura? Eu, pelo menos, desejo tentar *dar aqui a pensar* a Literatura a partir da Filosofia, e, nesta, muito especificamente a partir do *idioma* da Desconstrução derridiana, que é, ela própria, já um certo posicionamento na Filosofia à luz de uma determinada concepção da mesma e, *ipso facto*, de orientação na mesma.

Não sem razão, perguntar-se-á, pois: o que tem o segredo, um tal segredo – um segredo impassível, indizível, inviolável, impartilhável, *ab-soluto* (*ab-solus*), insisto –, a ver com a Literatura? E com o perdão? E também com a Filosofia – que, como bem sabemos, de Platão a Hegel⁷ e *para além*, no seu indisfarçável gosto pela luz (das ideias

inviolável mesmo quando se crê tê-lo revelado. Não que ele se esconda para sempre numa cripta indecifrável, ou por detrás de um véu absoluto. Simplesmente, ele excede o jogo do velamento/desvelamento: dissimulação/revelação, noite/dia, esquecimento/anamnese, terra/céu, etc. Não pertence por conseguinte à verdade, nem à verdade como *homoiosis* ou adequação, nem à verdade como memória (*Mnemosyne*, *aletheia*), nem à verdade dada, nem à verdade prometida, nem à verdade inacessível. A sua não-fenomenalidade é sem relação, mesmo negativa, com a fenomenalidade. A sua reserva não é mais da ordem da intimidade que se gosta de dizer secreta.” (DERRIDA, 1993, p. 60.)

⁶ Para a questão do luto, veja-se BERNARDO, F. O cogito do adeus: o sujeito em autodesconstrução, *Revista Educação e Filosofia*, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. No prelo; e Entre nós. Posfácio à tradução de DERRIDA, J. *Carneiros. O diálogo ininterrupto: entre dois infinitos, o poema*. Coimbra: Palimage, 2008, p. 59-135.

⁷ “O segredo é, no fundo, tão intolerável à ética quanto à filosofia ou à dialéctica em geral, de Platão a Hegel. [...] Não há segredo último para o filosófico, o ético ou o político. O manifesto vale mais do que o segredo, a generalidade universal é superior à singularidade individual. Não há segredo irredutível e justificável em direito, ‘fundado em direito’ – e é preciso acrescentar a instância do direito à da filosofia e da ética.” (DERRIDA, 1993, p. 81.) E *Passions* acrescenta: “Estas instâncias [a filosofia, a moral, a política, o direito] são constituídas como instâncias próprias para pedir contas, quer dizer, responsabilidades assumidas. Admitem, sem dúvida, por vezes segredos condicionais (o segredo da confissão, o segredo profissional, o segredo militar, o segredo de fabrico, o segredo de Estado). Mas o

“Perdão por não querer dizer...”: o segredo da literatura de Abraão a Derrida

*ou*⁸ das formas visíveis – *idein, eidos, idea*) e, com raríssimas exceções, na sua determinante tentação do saber⁹ e do teórico sob a autoridade do modelo óptico (*theorein*), não gosta manifestamente nada do segredo? E *Mehr Licht! Mais luz!* terão também sido, no dizer de Lacan, as últimas palavras (de Goethe) proferidas por Freud “antes de mergulhar, de olhos abertos, no buraco negro”! (LACAN, 1980, p. 78.) Freud, o mentor da Psicanálise¹⁰ que tanto assombrou e assombra ainda o *princípio de razão* e a sua trágica pretensão para, a todo o preço, “dar razão” (*reddere rationem*) – um *princípio de razão* que determinantemente rege e tece a ocidentalidade filosófico-cultural *carno-falo-logocêntrica*¹¹ ditando o *processo autoimunitário* e *imunitário*¹² que tão inquietantemente comanda os dias de desrazão, de angústia e de indignação da nossa contemporaneidade: um *princípio de razão* que esquece e/ou denega a miraculosa arte da fuga ao cabo de cada linha traçada. Uma arte – uma arte e talvez a arte das artes, de todas as artes...¹³ – que, num dizer de Claude Lévi-Strauss, é “o ténue arco que nos liga ao inacessível” (LEVI-STRAUSS, 1955, p. 448), ao secreto portanto, e, num dizer de Jean-Luc Nancy, é o *alogon* que distende e dinamita o *logos*, acompanhando-o sem o acompanhar num interminável processo de ventriloquia. De ventriloquia e, portanto, de heterogeneização que reflexão alguma logra dissipar. A não ser denegando-a! O que é dizer que a aliança de uma concepção ainda metafísica do *inconsciente* com uma razão *psicanalítica* de feição hermenêutica resiste também ainda ao segredo, tal como a Filosofia (metafísica) – e não só... – resiste à Psicanálise.¹⁴ E cada vez mais... Cada vez mais esta área do discurso e do saber é esquecida e/ou denegada por aquela. Igualmente

direito ao segredo em todos estes casos é um direito condicional.” (DERRIDA, 1993, p. 58-59, grifo nosso.)

⁸ *Ou*, porque a “ideia” é a “forma” – palavra escolhida por Platão para designar os modelos inteligíveis do real: *idea* significa precisamente “forma visível”. A “forma visível” *ou* a “ideia” da “mesa” (*tabula rasa*), por exemplo, tem o sentido de uma disponibilidade geral para, de uma disposição... Esta “forma” constitui o sentido ou a verdade da “mesa”.

⁹ “A tentação da tentação é a filosofia, oposta à sabedoria que tudo sabe sem o experimentar. [...] A prioridade do saber é a tentação da tentação. [...] A tentação da tentação é a vida do ocidental tornando-se filosofia. Será a filosofia?” (LEVINAS, 1968, p. 74-77.)

¹⁰ Mas se a nossa contemporaneidade se caracteriza por uma resistência crescente à Psicanálise, importa também referir que o *limite* da Filosofia e da Literatura é também o *limite* da própria Psicanálise, que Derrida também repensa, isto é, desconstrói na sua conceptualidade e operatividade metafísicas. Para estas questões, cf. nomeadamente DERRIDA (1980, p. 275 e ss.; DERRIDA, 1996; e DERRIDA, 2000a).

¹¹ Para a questão do *carno-falo-logo-centrismo*, i.e., da Desconstrução como desconstrução do *carno-falo-logo-centrismo*, veja-se, por exemplo, “Il faut bien manger” ou le calcul du sujet” (DERRIDA, 1992b; DERRIDA, 2008; DERRIDA, 2010; DERRIDA, 2012b; DERRIDA, 2015).

¹² Para a problemática do imunitário, veja-se, nomeadamente, DERRIDA (2000b).

¹³ Cf. BERNARDO (2013) e BERNARDO (2014).

¹⁴ Para esta questão, DERRIDA (1996).

repensada nos seus fundamentos e delineamentos ainda metafísicos, cada vez mais a Psicanálise põe à vela o sintoma de (falaciosa ou fabulosa e trágica) soberania da Filosofia – e, obviamente, daquilo que, mais ou menos subjacentemente, ela inspira, estrutura e institui. Tudo, a bem dizer...

Mas, continuando, insistamos ainda: o que é que um tal segredo, um segredo absoluto, nos segreda acerca da Literatura? Da *vocação* literária? Da *proveniência* e da *possibilidade* da Literatura, tanto quanto do seu *poder*, isto é, do direito à Literatura e do direito *da* Literatura? Precisemos: não tanto do segredo *em* Literatura, como um motivo ou um tema da Literatura, mas da experiência (*experiri* – *provação*) do segredo, da experiência secreta do segredo *como* experiência da própria Literatura? Da *possibilidade*, da *aparição* e do singular *poder* da ficção denominada Literatura? Porque, afinal, de que se fala, de que falamos nós, exactamente, quando falamos de Literatura? *O que é a Literatura?*¹⁵ Qual a sua *proveniência* e qual a sua *função*? Qual a sua relação com o sentido? E com o referente? E com o perdão? E com a responsabilidade? Com a responsabilidade do escritor, do leitor e da própria obra? E com o político? Com o espaço público e, nele, com o político-democrático? E, a esta mão cheia de perguntas, acrescentemos ainda estoutra: qual a relação da pergunta ou da questão (*o que é? ti estí?*), comumente tida pelo gesto próprio, singular e singularizante da Filosofia, com a Literatura?¹⁶ Responder-lhe-á esta? Ou, pelo contrário, perturba, secundariza, declina e/ou inclina a pergunta (já para a resposta)?

Em suma, qual a relação existente entre “segredo”, “literatura”, “perdão” e “filosofia”, tendo em conta que, para Derrida,¹⁷ o *limite* (*peras, limes, Grenze*) da Filosofia, que tão atentamente a Desconstrução perscruta e em torno do qual a *incondicionalidade*¹⁸ e a *hiper-radicalidade* que a locomove enquanto *pensamento*

¹⁵ “O que é a literatura? E antes de mais o que é escrever? Como acaba o escrever por vir a perturbar até a questão ‘o que é?’ e mesmo ‘o que quer isso dizer?’ Por outras palavras [...] quando e como devém a inscrição literatura e o que é que então se passa? [...] O que se passa entre filosofia e literatura, ciência e literatura, política e literatura, teologia e literatura, psicanálise e literatura, eis, na abstracção do seu título, a questão mais insistente.” (DERRIDA, 1990, p. 443.)

¹⁶ Como, muito pertinentemente, Derek Attridge refere “A questão [O que é a literatura?], que deve ser uma questão central para quem se relaciona com os estudos literários, foi uma questão que foi repetidamente formulada – desde Platão e Aristóteles – no âmbito da tradição filosófica ocidental. É, no fundo, uma questão filosófica, não uma questão literária; pergunta pela indicação da essência da literatura, pelo que distingue literatura do que não é literatura.” (DERRIDA, 1992a, p. I.)

¹⁷ “Considero que os limites da filosofia são também os da literatura.” (DERRIDA, 2012a, p. 24.)

¹⁸ Lembremos que, à distinção entre Pensamento e Filosofia, corresponde na Desconstrução a distinção entre Incondicionalidade e Soberania (DERRIDA, 2002c).

“Perdão por não querer dizer...”: o segredo da literatura de Abraão a Derrida

gravita sem parar¹⁹ (sem o apropriar e sem jamais o (ultra)passar – limite/passagem/disseminação (*marca-margem-marcha*), é também o (*limite*) da Literatura? Razão pela qual *re*-pensar a Literatura a partir da Filosofia, como não por acaso eu o faço aqui – e não por acaso, não só porque a Filosofia está (já sempre) presente e a operar na Literatura, no seu desígnio e na sua conceptualidade, mas também porque a questão que pergunta por aquilo que é a Literatura é uma questão eminentemente filosófica; uma questão que, em boa verdade, *já responde*, ela própria, enquanto questão, à injunção do segredo da própria Literatura –, razão pela qual *re*-pensar a Literatura a partir da Filosofia, dizia, pressupõe igualmente fazê-lo a partir de uma Filosofia ela mesma também repensada, para além do seu massivo e impenitente *carno-logo-falo-fono-centrismo* metafísico,²⁰ em termos de Desconstrução e na atenção à sua transversalidade de princípio. Na atenção à transversalidade de princípio das duas disciplinas – da Literatura e da Filosofia²¹ – enquanto provenientes da mesma origem desértica.²² Desértica ou secreta. Que o mesmo é dizer, enquanto ditadas, magnetizadas e espectralizadas pela indecidibilidade do mesmo *limite*. Enquanto *à prova* do mesmo *limite secreto* – eis como, por exemplo em *Schibboleth* (1984), Derrida o diz, dizendo-as *experiências da ex-apropriação*²³ da língua que, ela mesma, fala (sempre) para alguém e graças a alguém. *Experiências que dão à língua*, isto é, que fazem acontecer, que reinventam a língua dando-lhe, de cada vez, em cada data ou em cada aqui-agora, um corpo novo, assim inaugurando também um novo idioma – o de cada (novo) escritor²⁴ no eco (sempre pessoal) da sua luta corpo a corpo com a língua, que não

¹⁹ “Eu tento colocar-me no *limite* do discurso filosófico.” (DERRIDA, 1974a, p. 14.) Veja-se também DERRIDA (1972, p. I-XXV).

²⁰ Designando a Metafísica, de acordo com o sentido que lhe foi atribuído por Nietzsche e Heidegger, a representação do ser como ente, e como ente presente, ela instala além do mundo uma presença fundadora e um garante (*Idea, ens summum*, sujeito etc.).

²¹ DERRIDA (1974b) e DERRIDA (1980, “Envois”), serão talvez as duas obras onde, de uma maneira mais evidente, Jacques Derrida cruza esta transversalidade entre a Filosofia e a Literatura desafiando a lei dos géneros.

²² Dizemos *desértica*, tendo em conta que o segredo é um nome da exterioridade absoluta, de um fora [*dehors*] absoluto, que Derrida também designará “lugar sem lugar” ou “deserto no deserto” e, na memória do *Timeu* de Platão, nomeará *khora*.

²³ O movimento contraditório da *ex-apropriação*, explicita DERRIDA (2005a, p. 72), “é uma apropriação exasperada do próprio, uma maneira de enriquecer ao infinito a mais-valia da propriedade e, ao mesmo tempo, a renúncia ao próprio, a abnegação, a aceitação da perda ou da expropriação. Estes dois movimentos não se contradizem: é aquilo a que eu chamo a *ex-appropriation*, que forma um único e mesmo movimento: quanto mais é próprio, menos próprio é.”

²⁴ Como refere Merleau-Ponty, “o escritor é ele mesmo como que um novo idioma que se constrói” (apud DERRIDA, 1967, p. 22).

pertence,²⁵ que nunca pertence, no ímpeto do seu desejo de a tocar, marcando-a, tatuando-a²⁶, que o mesmo é dizer, *contra-assinando-a*.²⁷

“Com esta distinção entre o empírico e o essencial”, escreve Derrida,

baralha-se um limite – o do filosófico como tal, o da distinção filosófica. A filosofia encontra-se, *reencontra-se* então nas paragens do poético, até mesmo da literatura. Ela reencontra-se aí, porque a indecisão deste limite é talvez o que mais a provoca a pensar. Ela encontra-se aí, não se perde necessariamente aí como crêem, na sua tranquila credulidade, aqueles que crêem saber onde passa este limite e medrosamente, ingenuamente, embora sem inocência, nele se mantêm, demunidos daquilo a que deve chamar-se a *experiência filosófica*: uma certa travessia questionante dos limites, a insegurança quanto à fronteira do campo filosófico – e sobretudo a *experiência da língua*, sempre tão poética, ou literária, quanto filosófica. (DERRIDA, 1984, p. 80, grifos nossos.)

Uma *experiência* da língua, sempre tão poético-literária quanto filosófica, que, sublinhemos, em “Fourmis” (1994), o filósofo-pensador-escritor,²⁸ que é Jacques Derrida, “*performa*” assim – *assim*, isto é, *fazendo aquilo que diz* –, e que, por evidente intraduzibilidade idiomática, eu só posso citar em francês: “*parle, mot! pars, toi le mot qui partages chaque ‘par’ en deux parts, le mot entre deux ‘par’, entre tous les deux, de part et d’autre, parle, mot ! tu as la parole, je te laisse la parole et à toi-même, ô le mot, je donne le mot, je te le donne, je te donne, je te donne à toi-même*”.²⁹

Notemo-lo, porém: pensar a Literatura a partir da Desconstrução derridiana, como tento fazê-lo aqui, não é também confundir Literatura e Filosofia, como alguns (Habermas,³⁰ nomeadamente) o pretenderam e, levemente, muitos continuam ainda hoje em dia a pretendê-lo – regra geral, sem se questionarem acerca da singularidade de uma e outra, ou pretendendo, doxicamente, saber o que é uma e outra. Nem é também fazer uma Filosofia da Literatura. Nem é também reduzir a Filosofia à Literatura ou

²⁵ DERRIDA, “La langue n’appartient pas”. *Europe*, n. 861-862, p. 81-91, jan-fév. 2001.

²⁶ Para esta questão da tatuagem como marca de um corpo-a-corpo com a língua, isto é, para referir que a língua nos marca corporalmente – é a *circuncisão* –, veja-se, por exemplo, a nota 6 da página 70 de DERRIDA (2002).

²⁷ Para a questão da *contra-assinatura*, veja-se, por exemplo, DERRIDA (1988a).

²⁸ Como, citando Ulrich Sonnemann e Adorno, Derrida o postula: “Não há grande filósofo [...] que não seja um grande escritor.” (DERRIDA, 2002b, p. 27.)

²⁹ “Fala, *palavra!* *Parte*, tu *palavra*, que *partilhas* cada “*par*” em duas *partes*, a *palavra* entre dois “*par*”, entre todos os dois, de uma *parte* e da outra, fala, *palavra!* Tens a *palavra*, deixo-te a *palavra* e, a ti mesma, oh, *palavra*, eu dou a *palavra*, dou-ta, dou-te, dou-te a ti mesma.” (DERRIDA, 1994, p. 99.)

³⁰ HABERMAS (1988). Habermas acusou também a obra de Derrida de inconsistência pragmática e de contradições performativas. Derrida responde, nomeadamente, em DERRIDA (2002, p. 70).

“Perdão por não querer dizer...”: o segredo da literatura de Abraão a Derrida

pretender extingui-la, decretando-lhe, uma vez mais,³¹ o seu fim ou a sua morte, como alguns, mesmo na área da Desconstrução, hoje em dia também o pretendem, esquecendo a sua especificidade:³² o literato substituir-se-ia ao filósofo! Ainda que, na leveza da sua escrita ficcional, por vezes – importa reconhecê-lo –, alguns literatos, como, entre alguns outros, Shakespeare e Kafka por exemplo – em todo o caso o exemplo que, numa segunda parte deste texto, perscrutaria a fim de tentar salientar a transversalidade de princípio existente entre Literatura e Filosofia e, por conseguinte, a abertura da sua respectiva uni-disciplinaridade, que latamente ainda dita, informa e comanda a inter-disciplinaridade –, dêem muito mais a pensar e façam emergir da sua escrita muito mais porvir do que tantos e tantos filósofos...

Pensar a Literatura, o segredo da Literatura, a partir da Filosofia é antes re-pensar uma e outra, repensando a sua respectiva especificidade e as formas e os modos da sua composição, a partir daquilo mesmo que, instigando-as e desafiando-as, como limite, como a obliquidade líquida de um limite comum sempre agente a que, à sua maneira, cada uma delas (já) responde,³³ é paradoxalmente também a sua própria condição de possibilidade. De possibilidade e de impossibilidade – de impossibilidade,³⁴ portanto –, desenhando a contradição viva e insolúvel, ou a aporia, que

³¹ E dizemos “uma vez mais”, porque a Filosofia tem vivido de saber-se moribunda – um saber que corresponde à sua própria *sobre-vivência*: “Que a Filosofia tenha morrido ontem, desde Hegel ou Marx, Nietzsche ou Heidegger [...] ou que ela tenha sempre vivido de saber-se moribunda, o que se afiança em silêncio na sombra projectada pela própria palavra que *declarou a philosophia perennis*; que ela tenha morrido *um dia*, na história, ou que ela tenha sempre vivido de agonia e de abrir violentamente a história elevando a sua possibilidade contra a não filosofia, o seu fundo adverso, o seu passado ou o seu facto, a sua morte e o seu recurso; que, para além desta morte ou desta mortalidade da filosofia, talvez mesmo graças a ela, o pensamento tenha um porvir ou esteja mesmo, diz-se hoje, inteiramente por vir a partir do que se reservava ainda na filosofia; mais estranhamente ainda, que o próprio porvir tenha assim um porvir, são questões incapazes de resposta.” (DERRIDA, 1967, p. 117-118, grifos nossos.)

³² Para a questão da especificidade da Filosofia e da não dissolução do seu ensino nas Ciências Sociais e Humanas, nas Línguas e nas Literaturas, veja-se, nomeadamente, DERRIDA (1990).

³³ Quer a Filosofia quer a Literatura brotam da resposta (e como resposta) a uma alteridade absoluta – absoluta ou secreta: na linha do pensamento afirmativo de Nietzsche, que proclama o “sim” jucundo ao pelo do “eterno retorno”, Derrida di-lo nomeadamente: a Desconstrução “é, em si, uma resposta positiva a uma alteridade que necessariamente a apela, a intima ou a encoraja. A ‘desconstrução’ é consequentemente vocação – resposta a um apelo. O outro, enquanto si, o outro que se opõe à sua própria identidade, não é algo que possa ser detectado e revelado num espaço filosófico e sob o projector filosófico. O outro precede a filosofia, invoca e provoca necessariamente o sujeito antes de o verdadeiro questionamento poder começar. É nesta relação com o outro que a afirmação se exprime.” (DERRIDA, 2012a, p. 19-20.)

³⁴ Para a Desconstrução como um *pensamento impossível do impossível*, e portanto (aporeticamente) *impossível*, veja-se DERRIDA, J. Comme si c’était possible, “within such limits”... In: _____. *Papier machine*. Paris: Galilée, 2001, p. 283-319.

as locomove e as estrutura na profissão de fé da sua *incondicionalidade* de princípio a cada passo reiterada.

O que é também dizer que este *limite* nada tem de teológico, nem de místico nem de negativo – é antes a condição sem fim da sua respectiva re-afirmação. Da re-afirmação do seu eterno re-começo e, por conseguinte, do seu porvir – no sentido em que, como reiteradamente Derrida também o diz, gostar da repetição, como ele confessa gostar, de uma *certa* repetição, de uma repetição no sentido de iterabilidade (*itara* = outro), é uma maneira subtil de afirmar a sua confiança no “futuro” – “como se ele nos esperasse na cifra de uma palavra muito antiga – e que não se deixou ainda falar.”³⁵ O que é dizer que o novo não passa nunca de uma súbita fulguração do antiquíssimo anacrónico que, no modo da monstruosidade ou do risco absoluto,³⁶ reaparece no moderno na figura e como figura do acontecer e do aparecer do “futuro anterior”, “o tempo grafológico, o tempo implícito de toda a escrita” (DERRIDA, 2003b, p. 196).

Daí que, se é certo a Literatura se pensar a partir da Filosofia, na sua condição de espaço da questão ou de um *certo* perguntar³⁷ (*ti esti*), que não na sua velha pretensão de *mathesis universalis*, também a Filosofia que a partir da Desconstrução se critica ou se desconstrói – a filosofia *carno-logo-fono-falo-cêntrica*³⁸ – mostrando-a em auto-desconstrução, necessariamente e independentemente do seu querer, não é a mesma Filosofia que, a partir da Desconstrução, se repensa, se reabilita e se reafirma.³⁹

³⁵ DERRIDA (1992b, p. 139).

³⁶ Lembremos que, em *Was heisst denken?* (Tübingen: M. Niemeyer Verlag, 1954, p. 6), nomeadamente, Heidegger diz o *pensar rememorante do ser* um *mostrar* (*Zeichen*) e o *pensador* um *monstro* ou um *mostrador* (*Zeichen, Zeigender*) definido como o que não tem significação. E *De la Grammatologie* (Paris: Minuit, 1967, p. 14) diz : “O porvir não pode antecipar-se senão na forma do perigo absoluto. Ele é o que rompe absolutamente com a normalidade constituída e não pode, por conseguinte, anunciar-se, *apresentar-se*, senão sob a espécie da monstruosidade.” (Grifo nosso.)

³⁷ Um *certo* perguntar, porque um perguntar que já responde (DERRIDA, 1990, p. 28-29).

³⁸ “O *logocentrismo* [...] está inextricavelmente ligado à tradição grega e europeia. [...] a filosofia logocêntrica é uma resposta especificamente ocidental a uma muito maior necessidade que existe também no Extremo-Oriente e noutras cultura, a saber, a necessidade fonocêntrica: o privilégio da voz relativamente ao escrito. A prioridade da linguagem escrita relativamente ao escrito, ou linguagem silenciosa, provém do facto de, quando as palavras são faladas, o locutor e o auditor são supostos estarem presentes simultaneamente um ao outro; são supostos serem a mesma presença pura e imediata. O ideal da presença perfeita, da posse imediata do sentido, é o que está expresso pela necessidade fonocêntrica. [...] Mas em nenhuma cultura não europeia esta necessidade fonocêntrica se desenvolveu em metafísica logocêntrica. O *logocentrismo* sistemático é um fenómeno unicamente europeu. [...] A crítica do *logocentrismo* é acima de tudo a procura do *outro* e *do outro da linguagem*.” (DERRIDA, 2012a, p. 17, 26.)

³⁹ Cf. DERRIDA (2005, p. 53).

“Perdão por não querer dizer...”: o segredo da literatura de Abraão a Derrida

esta está, e necessariamente em razão da sua atenção ao seu ineliminável atraso⁴⁰ (“*après coup*”, “*Nachträglich*”, “*sero te*”), em memória daquela,⁴¹ de quem é uma espécie de *homônima*. Como a *paleonímia*⁴² inerente à leitura derridiana o consigna – uma *leitura* hiperética que é uma *escrita performativa*: é, aliás, através da ideia de *escrita*⁴³ no sentido de *arquiescrita* como prótese, dobra ou “suplemento de origem”, do segredo de origem ou na origem, que Derrida resolve o conflito tradicionalmente oposicional entre Filosofia-Literatura, lembrando, por um lado, que é a partir da Filosofia e na Filosofia que todas estas questões se colocam, e lembrando, por outro lado, a inexistência de uma *escrita* especificamente filosófica, pura e ao abrigo de contaminações. De contaminações e de ficções. E isto, antes de mais em razão de a Filosofia *se* falar e *se* escrever sempre numa dada língua natural, e não numa língua absolutamente formalizável e universal.⁴⁴ Uma língua *do* outro,⁴⁵ vinda *do* outro como o próprio outro, a infinitamente *ex-apropriar*: uma *ex-apropriação*⁴⁶ que dita a “gráfica da iterabilidade” e da complementaridade a par da persistente e insanável “alienação originária”⁴⁷ (e, portanto, da originariedade do luto do eu, da sua passividade mais

⁴⁰ A lei deste atraso redige e comanda a Desconstrução filosófica, como o próprio Derrida (1990b, p. VI-VII) o escreve, “*mémoire pour le diplôme d’études supérieures*” redigido em 1953-1954: “Esta leitura panorâmica que varre aqui toda a obra de Husserl com a impudência imperturbável de um *scanner* reclama-se de uma espécie de lei cuja estabilidade me parece hoje tanto mais espantosa quanto, *mesmo na sua formulação literal*, não terá cessado, *desde então*, de comandar tudo o que tentei demonstrar, como se uma espécie de idiossincrasia negociasse à sua maneira, já, uma necessidade que a ultrapassaria sempre e que interminavelmente era preciso reapropriar. Que necessidade? Trata-se sempre de uma complicação originária da origem, de uma contaminação inicial do simples, de um desvio inaugural que nenhuma análise seria capaz de *apresentar, de tornar presente* no seu fenómeno ou reduzir à pontualidade instantânea, idêntica a si, do elemento.” (Grifos nossos.) É a “gráfica da iterabilidade” que se anuncia nesta “complicação originária da origem”.

⁴¹ “Ainda agora, e mais desesperadamente do que nunca, sonho com uma escrita que não seria nem filosofia nem literatura, nem estaria sequer contaminada nem por uma nem por outra, enquanto mantendo ainda – não tenho nenhum desejo em abandonar isto – a memória da literatura e da filosofia.” (DERRIDA, 1992a, p. 73.)

⁴² Para a questão da *paleonímia*, cf. DERRIDA (1974a). Em *La mélancolie d’Abraham (Les Temps Modernes, 67 année, n.º. 669/670, p. 33, juillet/octobre 2012)*, Derrida precisa: “A “paleonímia” é o facto de se servir de uma velha palavra – um *paléo*, uma palavra muito antiga –, de conservar uma velha palavra, ali onde a significação desta mesma palavra acordou ou despertou para *outra coisa*.”

⁴³ Que grafamos assim – e não “escritura” – para evitar toda e qualquer ressonância ontoteológica, que, em português, a palavra não deixa de sugerir: ora, a “escrita” no sentido de “arquiescrita”, isto é, como a “escrita” (desvio, apagamento, distância, silêncio, segredo, branco, intervalo, separação, interrupção...) *na* fala tem, precisamente, implícita a desconstrução dos fundamentos *fono-logo-cêntricos*, de índole ontoteológica, da metafísica da presença, que entretece a ocidentalidade filosófica e cultural.

⁴⁴ Cf. DERRIDA (1988b, p. 31-32) e DERRIDA (1990, p. 283-309).

⁴⁵ “A minha língua, a única que me ouço falar e me ouço a falar, é a língua do outro.” (DERRIDA, 2002, p. 39.)

⁴⁶ “A “escrita”, sim, designaríamos assim, entre outras coisas, um certo modo de apropriação amante e desesperada da língua” (DERRIDA, 2002, p. 48.)

⁴⁷ DERRIDA (2002, p. 39.)

passiva do que toda a passividade, como Levinas a diz, e da sua não-identidade a si insinuando a perturbação ou o tremor da identidade) e constitui e desenha o *limite* absoluto da conceptualidade com que tão tenazmente a Filosofia sonha. Há uma incompatibilidade de princípio entre *limite* e conceito – o *limite* resiste ao conceito. Absolutamente. Não há, aliás, conceito (ou fenómeno) de *limite* – ou de *outro*, de *força*⁴⁸ ou de *différance*. Como Derrida diz, *é preciso* – e é a “instância ética”, hiperética e hiperpolítica que se desprende da abissalidade deste *limite* – que o conceito falte para que estes (*limite*, *outro*, *força*, *différance* etc.) não faltem. Ou não sejam desrespeitados como tais! Por outro lado, e como dissemos acima, este *limite* não limita de todo – pelo contrário, questionando a sua pressuposta ou hipotética identidade una e tética, abre a identidade a si da Filosofia abrindo-a à transversalidade disciplinar e ao “porvir” – e, portanto, ao repensar da inter-disciplinaridade (que ainda assenta no princípio da identidade disciplinar!) –, tal como abre os ditos conceitos tornando-os sincategoremas, a designação medieval dada a conceitos incompletos. Ou abertos.

E, continuando ainda um instante mais no mesmo tom – no (tom) de uma *certa* perguntabilidade, marca por excelência da Filosofia –, perguntemos ainda: e se o segredo, o segredo deste segredo – um segredo *ab-soluto* e absolutamente indecifrável, inconfessável e impartilhável, insisto –, designar este *lugar limite*? For um nome deste *lugar limite*, deste *lugar sem lugar* e, enquanto tal, a fonte e a respiração da própria Literatura? O *lugar* secreto da sua génese ou da sua genealogia,⁴⁹ tanto quanto da “*omni-potência-outra*” [“*toute-puissance autre*”]⁵⁰ geradora da hiper-radicalidade do seu alcance singularmente “ético” e “político”? “Político-democrático”? E se a experiência (no sentido de provação) secreta do segredo for a cena da própria *experiência* (*experiri*) da Literatura? E se a experiência e a exigência secretas do segredo encenarem, de facto, o segredo da própria Literatura? Da *possibilidade*, da *aparição*, da *vocação*, do *poder* e da *instituição* da Literatura como possibilidade do

⁴⁸ “A força é o outro da linguagem.” (DERRIDA, 1967, p. 45.)

⁴⁹ “Ali se encontra, como segredo da literatura, o poder infinito de guardar indecifrável e, portanto, indescelável o segredo do que ela diz, ela, a literatura [...] O segredo da literatura é, então, o próprio segredo. É o lugar secreto onde ela se institui como a própria possibilidade do segredo, o lugar onde ela começa, a literatura como tal, o lugar da sua génese ou da sua genealogia própria.” (DERRIDA, 2003a, p. 27.)

⁵⁰ É a designação que Hélène Cixous (2002) dá à Literatura – Derrida salienta-o, nomeadamente, em *H. C. pour la vie, c’est-à-dire...* (2002a) e, sobretudo, em *Genèses, généalogies, genres et le génie* (2003a, p. 67): “Os dois hifens entre estas três palavras [*Toute-puissance-autre*] parecem destinados a marcar que estas três significações, o absoluto, a potência e a alteridade, são, no fundo, a mesma coisa, a mesma Causa (*Ursache*, como ela frequentemente precisa), e a mesma lei – como literatura.”

“Perdão por não querer dizer...”: o segredo da literatura de Abraão a Derrida

segredo? E, nestes termos, se gostar do segredo e se reivindicar o direito de *incondicionalmente* gostar do segredo sintomatizar já o gosto pela Literatura? E pelo direito à Literatura? Pela Literatura, sim, sem dúvida, mas pela Literatura “*d’avant la lettre*” (LEVINAS, 1982, p. 8) [lettre/l’être = letra/ser], como Emmanuel Levinas a designa, *des-inter-essando-a*⁵¹ ou des-onto-logizando-a e hiper-eticizando-a; ou então pela Literatura como “*du voyage à la lettre*” (DERRIDA; MALABOU, 1999, p. 104), como Jacques Derrida também a designa, insinuando, quer a *proveniência* secreta e secretamente viajante (é o *en-voyage* da Desconstrução!) (DERRIDA; MALABOU, 1999, p. 40), quer a obliquidade ou a indirecção destinerrante, digressiva, *desastrada* (à Blanchot [1955]), perjurante da “escrita”, e, sobretudo, da “escrita literária”, que o filósofo faz questão de distinguir das Belas Letras e diz resistente a quaisquer Teorias da Literatura, a quaisquer Estéticas ou Filosofias da Arte, que põe em questão e desafia? (DERRIDA, 1990c.) Por outras palavras, que dá a *re-pensar* – a pensar diferentemente a partir, justamente, da matinalidade, que nunca se faz dia, da génese secreta da Literatura. Uma génese tão hipersecreta quanto hiperética e hiperpolítica!

De facto, distinguindo⁵² a Literatura, em sentido estrito, como *instituição* ocidental moderna⁵³ ligada à emergência das democracias constitucionais ocidentais a partir do séc. XVII – *instituição* que conferiu e confere à sua existência um estatuto próprio na história – da sua *proveniência* e *condição de possibilidade*, assim repensando e dando a pensar o eterno re-nascer da própria Literatura, ou seja, assim dando a pensar a ininterrupta intempestividade do “acto literário”, Derrida detecta esta *possibilidade* na própria paixão pelo segredo como segredo do ab-soluto (*ab-solus*), da relação absoluta com o ab-soluto (ou separado ou secreto), que o mesmo é dizer, como incondicionalidade e exclusividade absoluta do face-a-face de uma dada singularidade/individualidade com o absoluto, o único ou o evento. É deste segredo sem fundo, deste segredo *absoluto*, indesvendável e impartilhável, que, segundo Derrida, a Literatura tanto provém como é a cena – é dele que lhe provém a insolência da sua força irredentista, e é ele que ela tanto nomeia e salva-guarda, quanto é guardada por ele, traíndo-o embora a cada passo. Isto é, em cada “letra”. Em cada “envio”. Em cada

⁵¹ Para este filosofema, veja-se, nomeadamente, LEVINAS (2011, p. 4-15).

⁵² Cf. DERRIDA (2013, p. 136).

⁵³ “[...] à literatura, eu tenho-a por uma instituição, por isso distingo frequentemente literatura em sentido estrito, que é uma coisa moderna, relativamente recente, das Belas Letras, da poesia, do teatro ou do épico em geral.” (DERRIDA, 1999, p. 24.)

“rastros” [“*traces*”]. Numa palavra, em cada *obra*.⁵⁴ E, por isso, em cada “letra”, em cada “envio”, em cada “rastros” e em cada *obra* pedindo perdão pela traição que eles mesmos (letra-envio-rastros-obra) figuram – “pede-se sempre perdão quando se escreve”,⁵⁵ diz Derrida. Perdão por escrever e, por conseguinte, por enviar e por publicitar no espaço público o segredo da rectidão de princípio da escrita – como segredo. O segredo de um segredo imparitilhável, a saber, o segredo da Literatura como segredo do preço de uma aliança a dois, que o mesmo é dizer, da estrita fidelidade ao segredo de uma aliança dissimétrica. Dando voz ao gosto ou à paixão *do* segredo, ventriloquando-a e mediando-a, portanto, este envio e esta publicitação perverte, ou corre o risco de perverter, esta fidelidade, sendo paradoxalmente ao mesmo tempo também a sua *chance*. A *chance* da re-afirmação da sua condição de possibilidade, selando e trans-portando o próprio movimento de fidelidade ao segredo – é o movimento deste movimento que anima a Literatura, é ele que, de cada vez, a letra ou a Literatura fixa, mediando-o e traíndo-o. Suspendendo-o. Paralisando-o. E, no mesmo lance, pedindo perdão por semelhante traição.

Eis como, em “Le ressassement ou le droit à la littérature” (2001), o filósofo diz o segredo deste segredo absoluto, ao mesmo tempo selado e exposto, como o segredo da própria Literatura, do que ela *é* e *diz* e *de onde provém*, insinuando ao mesmo tempo também já o irredentismo que a magnetiza e a caracteriza – o irredentismo da própria Literatura, que consubstancia o “direito *da* Literatura” e o “direito *à* Literatura”, *à existência* da Literatura, que, outorgando-se a si mesma o poder de guardar secreto o segredo, não responde, não tem de responder diante do instituído (da *tercialidade* (*testis* – *terstis*) ou da generalidade abstracta) nas figuras da comunidade, da política, da moral, da religião, do direito e etc. Irredentismo que, notemo-lo já também, revelando aquilo a que Hélène Cixous chama a “*Omni-potência-outra*” da Literatura, põe também a nu, não apenas aquilo a que, sem cedência a qualquer tipo de moralismo,⁵⁶ Jacques Derrida chama a “instância ética”⁵⁷ da própria

⁵⁴ Lembremos como Emmanuel Levinas define *obra*, isto é, salientando a sua inspiração e alcance metaéticos: “Uma orientação que vai livremente do Mesmo para o Outro é a *Obra*. [...] pensada radicalmente, a *Obra* é um movimento do Mesmo para o Outro que não retorna nunca ao Mesmo.” (LEVINAS, 1972, p. 43-44.)

⁵⁵ DERRIDA (1991, p. 47.)

⁵⁶ “[...] quando digo que a *instância ética trabalha a literatura no corpo*, eu entendo *no corpo do escritor, no corpo da língua, no corpo da obra*. Se escolhi estas palavras é para marcar bem que não

“Perdão por não querer dizer...”: o segredo da literatura de Abraão a Derrida

Literatura, a gerar a Literatura e a operar na Literatura, mas também o seu singular alcance político-democrático na sua condição de instituição da ficção.

*A literatura, em sentido estrito, é um fenómeno moderno, ligado a uma instituição europeia, e acompanhando uma história política, uma história jurídica. Não há literatura onde certas condições jurídicas e políticas de tipo democrático não estão estabelecidas. Tem-se o direito à literatura, mesmo se este direito não é respeitado, mesmo se a literatura sempre foi censurada; não há literatura sem o direito de tudo dizer [le droit de tout dire] e de tudo esconder, de tudo dizer eventualmente escondendo. De tudo dizer criptando. E isso é um fenómeno da modernidade. Raramente me servi da palavra “modernidade”. Mas se tivesse de me servir a propósito da literatura, diria que *uma literatura é moderna por definição, este fenómeno não tem senão alguns séculos. Não alguns séculos de existência, mas alguns séculos de um direito à existência, a idade de uma reivindicação para um obscuro direito ao evento.* (DERRIDA, 2001, p. 327, grifos nossos.)*

Notemo-lo, pois: que a *experiência do segredo* nos dê a pensar e a sentir a Literatura, a *experiência* da própria Literatura e do perdão, da Literatura obrigada ao “perdão por *não querer* dizer...” o segredo, justamente, até à hipérbole do “perdão por *não poder* dizer” ou por “*não poder querer* dizer” o segredo deste segredo absoluto que, de todo, ela não conhece nem pode, por isso, partilhar, eis a *hipótese* que, à laia de “tese”, me preparo para enunciar aqui e para, muito sucintamente, telegraficamente mesmo, tentar como que justificar a partir do pensamento e da obra de Jacques Derrida (1930-2004) – Jacques Derrida o *pensador-filósofo-escritor* da Desconstrução que, distinguindo, na esteira de Kant e de Heidegger, mas diferentemente, *pensamento* de Filosofia, na sua obra reiteradamente confessou o seu gosto obsessivo pelo segredo, pelo segredo “*a-b-s-o-l-u-t-o*”,⁵⁸ a par do seu desalento, tão melancólico quanto jubiloso, pela inevitabilidade do perjúrio, de uma certa experiência do perjúrio⁵⁹ inerente à mais secreta e fiel das fidelidades ao segredo, assim confessando a sua *incondicional*, intransmissível e impartilhável *paixão* – uma *paixão* todavia *sem*

queria dizer que a literatura era ou devia ser em si mesma um acto moral” (DERRIDA, 2005a, p. 109, grifos nossos).

⁵⁷ Cf. DERRIDA (1988a, p. 21).

⁵⁸ “O meu gosto pelo segredo (*a-b-s-o-l-u-t-o*): eu não posso fruir senão nesta condição, desta condição. MAS, a fruição secreta priva-me do essencial. Eu queria que toda a gente (não toda a gente, a melhor alma telescópica do universo, chama a isso Deus se quiseres) soubesse, assistisse. E isto não é uma contradição, é por isso, em vista disso que eu escrevo quando posso. Jogo o segredo contra os testemunhos fracos.” (DERRIDA, 1980, p. 53.)

⁵⁹ Dizendo que “uma certa experiência do perjúrio é a provação dolorosa e originária da fidelidade”, Derrida (2014, p. 89) confessa que o tema do perjúrio é um daqueles a que, no fundo, permaneceu mais fiel: “perjúrio como respiro”.

martírio,⁶⁰ como ele mesmo faz questão de sublinhar – pela Literatura, pelo segredo da Literatura, a par da sua paixão pelo (singular) “ateísmo”⁶¹ (não ideológico, não confessional) do *pensamento*. É precisamente este *pensamento* (meta-onto-fenomenológico e meta-onto-teológico) do segredo, do evento, da vez, da tal-vez, do impossível ou da singularidade absoluta que é comum à Literatura e à Filosofia/Desconstrução,⁶² gizando a sua intersecção ou a sua transversalidade de princípio, e, portanto, também o liame da sua interdisciplinaridade repensada (para além da sua mono- ou unidisciplinaridade). Eis como Derrida o confessa em *Passions* (1993):

Talvez eu apenas tenha querido confiar ou confirmar o meu gosto (provavelmente incondicional) pela literatura, mais precisamente pela escrita literária. Não que eu goste da literatura em geral, ou a prefira ao que quer que seja, e por exemplo à filosofia, como o pensam frequentemente aqueles que, finalmente, não discernem nem uma nem outra. Não que eu lhe queira reduzir tudo, e sobretudo não a filosofia. [...] Mas se, sem amar a literatura em geral e por ela mesma, eu gosto de algo *nela* que, sobretudo, não se reduz a alguma qualidade estética, a alguma fonte de fruição formal, isso seria *no lugar do segredo*. No lugar de um segredo absoluto. Aí residiria a paixão. Não há paixão sem segredo, sem este segredo, mas não há segredo sem esta paixão. *No lugar do segredo*: ali onde no entanto tudo é dito e o resto não é nada – para além do resto, nem mesmo literatura. (DERRIDA, 1993, p. 63-64, grifos nossos.)

No eco⁶³ da leitura desta citação de *Passions*, salientemos duas coisas: por um lado e em primeiro lugar, que o gosto *incondicional* pelo segredo *absoluto*, que à partida comecei por confessar e por inquirir junto de *cada um/a* de vós, sintomatiza, traduz ou testemunha já a *paixão da Literatura*, a disponibilidade para a Literatura, cuja

⁶⁰ Cf. DERRIDA (1993, p. 70).

⁶¹ Derrida advoga-o em “Penser ce qui vient”, salientando o registo não confessional, não ideológico de um tal “ateísmo” que, como em Levinas, significa a condição da separação e, portanto, da unicidade ou da singularidade: “[...] quanto a pensar *o que vem*, o que vem *de novo* [...] a saber, a vinda, o evento, o porvir do que vem e, portanto, a alteridade imprevisível ou a singularidade absoluta *daquilo* que acontece e de *quem* vem até nós, mas também *de* nós, por nós, através de nós, eu perguntava-me não somente se não sou ateu, radicalmente ateu (como toda a gente, penso eu, e é sem dúvida preciso sê-lo se *o que* vem e *quem* vem deve permanecer outro, novo, imprevisível, inaudito, e deve assim furar todo o horizonte de escuta, toda a teleologia, toda a providência: falo pois de ateísmo ou de laicidade, não como convicções, opiniões ou ideologias pessoais que podem ser ou não partilhadas por uns ou por outros, mas de um ateísmo, até mesmo de certo modo de um agnosticismo estrutural que caracteriza *a priori* toda a relação ao que vem e a quem vem: pensar o porvir é poder ser ateu), [perguntava-me, pois, não apenas se não sou ateu deste ateísmo estrutural] mas de novo um ateu que se lembra de Deus e que ama a lembrar-se de Deus, se é ainda possível ser ateu e radicalmente laico nestas condições.” (DERRIDA, 2007, p. 20-21, grifos nossos.)

⁶² Lembramos que Derrida distingue pensamento de filosofia e que tem a Desconstrução como um pensamento (impossível do impossível; cf. DERRIDA, 1987): “O pensamento não é esgotado pela filosofia. A filosofia não é senão um modo do pensamento, e portanto o que nos interessa aqui é saber até que ponto o pensamento excede a filosofia.” (DERRIDA, 2013b, p. 41.)

⁶³ Para a questão do “eco”, veja-se BERNARDO (2011).

“Perdão por não querer dizer...”: o segredo da literatura de Abraão a Derrida

meteorítica *aparição* se pressente chegar com o secretismo da proveniência, do destinatário, do referente e do sentido da quase-frase “perdão por não querer dizer...”: uma “frase”, em si própria, tão inteligível ou tão legível quanto secreta – como uma carta aberta numas mãos a que, à partida, não fora *endereçada*. Como, no fundo, acontece com cada obra publicada! Ao mesmo tempo sempre tão aberta quanto fechada... Em que medida, e a que preço, é a Literatura a cena exemplar deste “não querer dizer...”? Deste “não poder querer dizer?” E o quê, exactamente? O que não quer, não pode ou não pode querer a “frase” ou a Literatura dizer? Que segredo é, exactamente, o seu? O que a obriga ao perdão? É que, como Derrida refere,

[...] pode tornar-se uma coisa *literária* todo o texto confiado ao espaço público, relativamente legível ou inteligível, mas de que o conteúdo, o sentido, o referente, o signatário e o destinatário não são *realidades* plenamente determináveis, realidades ao mesmo tempo *não-fictícias* ou *puras de toda a ficção*, realidades entregues, como tais, por uma intuição a algum julgamento determinante. (DERRIDA, 2013a, p. 160, grifos nossos.)

Ou seja e por outras palavras – a Literatura *acontece*, *aparece* na sua nocturna luminosidade, quando não se sabe mais *quem*, exactamente, escreve *a quem*? *Quem*, ao certo, solicita e *quem* assina a palavra endereçada e enviada? A Literatura expõe, põe a nu a provação do segredo *como segredo*. Como, por exemplo, a *Carta ao pai* de Kafka tão bem o põe em cena e documenta, ou a pseudonímia de Kierkegaard, que põe a nu uma espécie de *carta ao pai avant la lettre* assinada por um filho que publica sob pseudónimo!

A segunda coisa que, no eco (da leitura) desta citação de *Passions*, desejo realçar é a de que o segredo deste segredo absoluto como segredo da Literatura, da “omni-potência-outra” da Literatura, a dá a pensar como a cena da fidelidade de uma relação absoluta com o absoluto ou secreto (*ab-solus*) e, *ipso facto*, como a possibilidade de princípio de tudo silenciar ou de *tudo dizer* [*tout dire*]⁶⁴ sem, no entanto, tocar no segredo.⁶⁵ Ou *bem* tocando, ou tocando *com tacto* no segredo – no segredo *como segredo*. Isto é, deixado intacto ou salva-guardado no seu secretismo *ab-*

⁶⁴ Em francês, “*tout dire*” [*dizer tudo*] tanto se escuta no sentido de *dizer algo exaustivamente* como no de *falar sem constrangimento, sem censura*, livremente acerca de algo.

⁶⁵ Cf. DERRIDA (2013a, p. 67). Da Literatura como instituição, diz Derrida que ela “não responde, em princípio, em espírito e à letra, diante de nenhuma outra instituição. Ela vê-se reconhecer, em princípio, uma franqueza absoluta.” (DERRIDA, J. *De quoi demain...* Paris: Fayard/Galilée, 2001, p. 205).

soluta. Como Derrida refere, a Literatura está *no segredo, no lugar ou nas vezes* do segredo – ela é o corpo espectral e o nome, *um dos nomes* (porque há “*plus d’un*”)⁶⁶ deste segredo ou do *lugar sem lugar* deste segredo sem fundo, sendo assim o que *resta*, ainda, sempre ainda, não apenas como as *cinzas*, a *marca*, a *dobra* ou o *rastro* do segredo, da *paixão* do segredo ou da relação ao segredo, mas, sobretudo, e antes de mais, como o *para além* do que dele sempre resta.⁶⁷ Um *para além* do que resta do segredo que é o que resta ainda, sempre ainda, da insaciedade *do* desejo do segredo, da *incondicionalidade* do gosto *do* segredo absoluto, ou ainda, e na proximidade de um dizer de Herberto Helder, a Literatura é, à semelhança do poema, não apenas ou nem sequer o resto, o resto do que não é – e tudo o resto é literatura... –, mas o *para além*, o movimento ou o endereçamento *para além* de um resto que tanto situa (o *para além*), algures, essa “altura oculta” como advém, ele mesmo (o *para além*), de “uma altura oculta” que tanto dita como se revela “uma vontade de cantar” (HELDER, 1981, p. 24; cf. BERNARDO, 2014). Uma imensa, uma interminável, uma ininterrupta vontade de cantar, talvez de en-cantar, ditada, inspirada ou solicitada pela “altura oculta” ou secreta: uma vontade que, em Derrida ou segundo Derrida, se revela justamente um direito a tudo silenciar ou a tudo dizer, e, por conseguinte, uma responsabilidade insana (com possíveis ares de irresponsabilidade) de resistir – de resistir pelo canto, pelo encanto subversivo do canto, pondo em cena o ininterrupto nascimento da Literatura (o próprio “acto literário” *in statu nascendi!*) como um singular *acto de dissidência* e/ou de *resistência* (DERRIDA, 2005b). Isto, porque, como em *De quoi demain...* (2001) muito explicitamente J. Derrida o refere em diálogo com E. Roudinesco

“a literatura” [...] não é uma coisa mas um *endereçamento*, uma certa *maneira de se endereçar*. Esta reivindicação é o próprio acto literário. Ele pretende engendrar as suas próprias normas e tende a legitimar-se a si mesmo. Produzindo assim o direito, o seu direito, ele entende não comparecer, pelo menos enquanto obra literária, diante de

⁶⁶ Como Derrida refere, “poder-se-ia dizer este segredo sob outros nomes, que lhos encontremos ou que lhos demos. Aliás, isso acontece a cada instante. Ele permanece secreto sob todos os nomes, e é a sua irredutibilidade ao próprio nome que o faz secreto, mesmo quando se *faz a verdade* a seu respeito, segundo a expressão original de Agostinho. O segredo seria também a homonímia, não tanto um recurso oculto da homonímia, mas a possibilidade funcional da homonímia ou da *mimesis*.” (DERRIDA, 1993, p. 61, grifo nosso.)

⁶⁷ Assim repensa também Derrida a famosa afirmação segundo a qual “e tudo o resto é Literatura”. Um resto ou uma *restança* que não advém assim mais de nenhuma ontologia ou ontoteologia, que impossibilita, nem se presta mais à releva da’s dialéctica’s.

“Perdão por não querer dizer...”: o segredo da literatura de Abraão a Derrida

nenhuma lei existente. Não reconhece de antemão nenhuma competência ou pretensa competência jurídica estatutária.⁶⁸

Em suma: na sua condição de *endereço* à muda e desafiante injunção do segredo⁶⁹ (ou da “altura oculta”), que de antemão o terá solicitado, o “acto literário” – um *acto* simultaneamente passivo e activo, activo apesar da passividade, um *acto* passi(activ)o⁷⁰ de invenção ou de re-invenção – confunde-se com um “acto de resistência” e/ou de dissidência: e isto, porque secretamente apartado do normativo ou do instituído diante de quem não tem de responder. Razão pela qual não só a Literatura está no segredo, é e diz o segredo *como segredo*, como exemplarmente se institui como possibilidade do segredo ou como direito incondicional ao segredo – intocável, uma obra literária não tem de responder ou corresponder a algum sentido ou a alguma realidade no mundo:⁷¹ sem referente real, ou este suspenso, o movimento da referência do evento literário é propriamente infinito.

A este *endereço* na forma do “nascimento sempre inato (degenerado) da *literatura*” dá Philippe Lacoue-Labarthe o nome de *phrase* (*frase*) – e, no tom de uma jubilosa melancolia, pensa-a e di-la assim:

Frase : o que se pronuncia em mim – longe, algures,
quase fora – de há muito tempo para cá,
desde que me foi dada a possibilidade de esquecer, creio,
chamo-o eu *literatura*.
[...]
É, frase, diferentemente modulada:
segundo o queixume, a jubilação, o transtorno, a energia, a fadiga.
A adoração também.
[...]
Penso no nascimento sempre inato (degenerado)
da *literatura*. (LACOUE-LABARTHE, 2000, p. 11-17, grifos nossos.)

⁶⁸ DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. *De quoi demain...* Paris: Fayard/Galilée, 2001, p. 206, grifos nossos.

⁶⁹ “[...] o que apela cala-se. Isso permanecerá sempre difícil de entender.” (DERRIDA, 2005a, p. 26).

⁷⁰ Derrida (2009, p. 58) criou este neologismo paradoxal a fim de sugerir que a ineliminável passividade da experiência hétero-auto-afectiva (da fala ou da escrita, ou não importa do que quer que seja) não convida à simples inércia, mas antes a agir, a decidir, a responder imediatamente a partir da experiência desta afecção arqui-originária e apesar dela.

⁷¹ Cf. DERRIDA (2013a, p. 189).

Distinguindo⁷² a *proveniência* ou a *condição de possibilidade* (quase-transcendental diz a Filosofia/Desconstrução) da Literatura do evento da sua *instituição* – dita uma figura moderna⁷³ do Estado democrático –, Derrida pensa e dá-nos a pensar a *experiência* secreta do segredo como segredo da própria Literatura e da aporia do perdão, permitindo-nos, em jeito de precipitada conclusão, a enunciação de uma espécie de *dupla hipótese* à laia de quase-tese que, se tempo e espaço tivesse, eu explicitaria e demonstraria lendo Derrida a ler Kierkegaard e Kafka – a saber:

– Por um lado, a *hipótese* tão audaz e estranha quanto surpreendente da filiação bíblico-abraâmica da Literatura⁷⁴ – o segredo do segredo de que a Literatura é exemplarmente o nome e a cena ser-nos-ia enviado pelo filão abraâmico! É uma filiação que, a-teologizando-a, Derrida nos dá a pensar através do seu repensar da própria tradição abraâmica, atentando na sua *véspera* e perscrutando o segredo que, intacto, se dá a escutar *como tal* nas entrelinhas, nas dobras, nos nós e nos brancos do texto imenso que, em auto-desconstrução, a transporta até nós.

E dizemos estranha, surpreendente e ousada *hipótese*, porque se trata de uma hipótese que contraria a ideia recorrente segundo a qual aquilo a que, *stricto sensu*, o Ocidente chama de Literatura teria tido a sua origem nos clássicos gregos – em Homero e em Hesíodo, nomeadamente. Diferentemente, esta *hipótese* defende que essa origem se situaria antes na tradição bíblico-abraâmica que terá, ela sim, lá do fundo sem fundo dos tempos segredado e secretamente enviado ao mundo a *condição de possibilidade* e a *vocação* da Literatura – bem como a reivindicação do próprio direito à Literatura. À existência da Literatura – e à resistência e à dissidência *em nome* da Literatura. É como se esta estranha e surpreendente *hipótese* lembrasse também o próprio Ocidente⁷⁵ a si mesmo, lembrando-lhe a sua *véspera* esquecida. Uma *véspera* para a navegabilidade de

⁷² “[...] na reprega [*repli*] deste segredo sem fundo se anunciaria a *possibilidade* da ficção denominada literatura. A sua *possibilidade* e não o evento da sua *instituição*, o seu alojamento estrutural, mas de todo ainda não o que a *institui* [*met en État*], conferindo-lhe um estatuto sob este nome – sequência moderna ou velha de alguns séculos apenas.” (DERRIDA, 2013a, p. 136, grifos nossos.)

⁷³ Relembremos: “[...] uma literatura é moderna por definição, este fenómeno não tem senão alguns séculos. Não alguns séculos de existência, mas alguns séculos de um *direito* à existência, a idade de uma reivindicação para um obscuro direito ao evento.” (DERRIDA, 2001, p. 327, grifo nosso.)

⁷⁴ “[...] eu inscrevo aqui a questão do segredo como segredo da literatura sob o signo aparentemente improvável de uma origem abraâmica.” (DERRIDA, 2013a, p. 162.)

⁷⁵ “O Ocidente não nasceu da liquidação de um mundo obscuro de crenças dissolvidas pela luz de um sol novo – e isto tanto na Grécia como no Renascimento e no século XVIII. Formou-se numa metamorfose tal da relação geral ao mundo que o “inacessível” tomava, de facto, forma e função, se assim se pode dizer, *enquanto tal* no pensamento, no saber e na conduta. Não houve redução do desconhecido, mas agravamento do incomensurável.” (NANCY, 2005, p. 18, grifo nosso.)

“Perdão por não querer dizer...”: o segredo da literatura de Abraão a Derrida

outros cabos⁷⁶ e a vigília de outras rotas multimodalmente nomeada porque não tem, nem consente, nome próprio – sendo um desses tantos nomes o de “segredo”, precisamente. O de segredo ab-soluto!

É uma *hipótese* que Derrida formula e sustenta a partir da secreta afinidade que defende existir entre o segredo da aliança electiva entre Deus e Abraão no episódio bíblico conhecido por *Sacrifício de Isaac*⁷⁷ (*Genesis*, XXII) e o segredo daquilo a que nós chamamos Literatura: afirmando e negando ou renegando *ao mesmo tempo* a sua filiação, a Literatura descenderia de Abraão porque, na história da civilização ocidental, ele seria o exemplo de alguém que soube guardar um segredo *como segredo* na mais extrema das provações – como, por excelência, o atestaria o *Sacrifício de Isaac*, atestando ao mesmo tempo o *processo* do pai, e, *ipso facto*, a *incondição* de circuncidado do “vivente humano” – uma *incondição* que, para Derrida, não seria apenas afecta à cultura judaica ou abraâmica, mas universal. E universal (DERRIDA, 2013a, p. 94) porque inerente à experiência (universal) de individuação em termos de *ex-apropriação* do vivente humano, homem ou mulher. Eis como em “A Literatura no segredo” Derrida enuncia esta *hipótese* – diz:

Entre todos aqueles que, em número infinito na história, guardaram um segredo absoluto, um segredo terrível, um segredo infinito, eu penso em Abraão, na origem de todas as religiões abraâmicas. Mas igualmente na origem deste fundo sem o qual aquilo a que nós chamamos literatura não teria sem dúvida jamais podido surgir como tal e sob este nome. O segredo de alguma afinidade electiva aliará assim o segredo da Aliança electiva entre Deus e Abraão e o segredo do que nós chamamos literatura, o segredo *da* literatura e o segredo *em* literatura. (DERRIDA, 2013a, p. 149.)

Justificando-a, Derrida exemplifica esta *hipótese* da génese abraâmica da Literatura através da sua *leitura* do *Sacrifício de Isaac* e do ecoar do axioma que ele

⁷⁶ Veja-se DERRIDA (1995).

⁷⁷ Para se perceber o sentido desta *hipótese* relativa à *proveniência* da Literatura, lembremos aqui esta passagem bíblica (*Génesis XXII*, 1-3) a partir da nossa tradução literal de A. Chouraqui, que é uma das traduções que, na sua *leitura*, Derrida segue – sendo a outra a de Dhormes: “E a seguir a estas palavras: Elohim *pôs* Abraão à prova. / Disse-lhe: Abraão! Ele respondeu: Eis-me aqui. / Ele disse: Pega então no teu filho, no teu único filho, a quem tanto amas, Isaac, / e vai à região de Moriça, onde o oferecerás em holocausto, num dos montes que Eu te indicar.” Abraão levantou-se cedo na manhã do dia seguinte e aparelhou o jumento. / Levou consigo dois servos e o filho Isaac. / Partiu a lenha para o holocausto. Levantou-se e encaminhou-se para o lugar que Elohim lhe indicou.” (Grifo nosso.)

dela ergue em Kierkegaard, em Shakespeare, em Melville⁷⁸ e, sobretudo, sobretudo em Kafka (1883-1924), na sua leitura da obra intitulada *Carta ao Pai* – metaforicamente narrada depois pelo escritor em *A Metamorfose*, – defendendo que, dessacralizando-o ou laicizando-o, a cena literária repetiria, *de cada vez*, a cena do *Sacrifício de Isaac* devolvendo-o e enviando-o ao mundo no corpo espectral de palavras pedindo perdão por essa dessacralização. A Literatura seria a *cena* de um “perdão pedido pela dessacralização” ou “pela secularização de uma santa revelação” (DERRIDA, 2013a, p. 189) – que o mesmo é dizer, pela *mediação* (ou *tercialização*) da cena do segredo da aliança incondicionalmente singular que o seu próprio *corpus* testemunharia. “A literatura”, diz Derrida,

herda, certamente, de uma história santa de que o momento abraâmico permanece o segredo essencial (e quem negará que a literatura permanece um resto de religião, um laço e uma réstia de sacro-santidade numa sociedade sem Deus?), mas ela renega também esta história, esta pertença, esta herança. Renega esta filiação. Trai-a no duplo sentido da palavra: é-lhe infiel, rompe com ela no exacto momento de manifestar a sua “verdade” e de lhe desvelar o segredo. A saber, a sua própria filiação: possível impossível. [...] Por esta dupla traição a literatura não pode senão pedir perdão. Não há literatura que, desde a sua primeira palavra, não peça perdão. No começo, houve o perdão. Por nada. Por nada querer dizer. (DERRIDA, 2013a, p. 190-191.)

De notar que desta *hipótese* emerge também o fundo hiperético e hiperpolítico-democrático da Literatura ou da escrita poético-literária que, mais de perto, a *segunda hipótese* desta quase-tese enunciará e circunscreverá e, se tempo e lugar houvesse, exporia e demonstraria a partir da leitura de Derrida da conhecida parábola de Kafka, *Diante da lei* (*Vor dem Gesetz*), mostrando como o segredo da Literatura é também o lugar secreto a partir do qual ela se institui como possibilidade do segredo. Como reivindicação do direito ao segredo – à existência do segredo. Por outras palavras, ao direito de nada querer dizer.

– A *segunda hipótese* que, em jeito de apressada conclusão, muito telegraficamente me apraz também enunciar e salientar aqui é precisamente a da singular indissociabilidade existente entre Literatura e Democracia, tendo em conta o

⁷⁸ O axioma que, segundo Derrida, se desprende da sua *leitura* do *Sacrifício de Isaac* ecoa também no “*I would prefer not to*” de *Bertleby the Scrivener* de Herman Melville (New York: Simon & Schuster, 1997).

“Perdão por não querer dizer...”: o segredo da literatura de Abraão a Derrida

*direito*⁷⁹ ilimitado que, na sua condição de gosto ou de paixão pelo segredo, a Literatura se outorga a si mesma de tudo dizer ou de tudo silenciar no espaço público a título de ficção: “Não há democracia sem literatura, não há literatura sem democracia”, proclamará, por isso, Derrida em *Passions* (1993) – do mesmo modo que, insinuando o alcance hiperpolítico-democrático da própria Desconstrução, e por conseguinte a transversalidade de princípio existente entre este idioma filosófico, que é a Desconstrução, e a Literatura, em *Politiques de l’amitié* (1994) o filósofo proclamará: “Não há desconstrução sem democracia, não há democracia sem desconstrução.” (DERRIDA, 2003c, p. 117.)

De todo imbricada na *primeira*, esta *segunda hipótese* enfatiza, pois, o alcance e o pendor hiperético e hiperpolítico-democrático da Literatura na sua condição de “estranha instituição” que transborda,⁸⁰ isto é, que excede, que está *para além*, põe à prova, avalia e vigia o instituído – uma “estranha instituição” que Derrida também designa por “contra-instituição”. Insinuando sub-repticiamente a singular distinção entre *possibilidade* da Literatura e evento da sua *instituição* – que insistentemente temos vindo a sublinhar ao longo do nosso texto, a fim de salientar a transversalidade de princípio da Literatura e da Filosofia a partir da sua fonte comum –, eis como *muito explicitamente* Derrida o declara em *Passions* (1993) – diz:

A Literatura é uma invenção moderna, inscreve-se em convenções e em instituições que, para não reter senão este traço, lhe asseguram em princípio o direito de tudo dizer. A literatura liga assim o seu destino a uma certa não-censura, ao espaço da liberdade democrática (liberdade de imprensa, liberdade de opinião, etc.). *Não há democracia sem literatura, não há literatura sem democracia.*⁸¹

Referências

BERNARDO, Fernanda. Eco-grafias. Dar à língua: contra-assinatura, re-invenção e sobrevivência. Ovídio-Derrida, *Revista Filosófica de Coimbra*, Coimbra, n. 39, p. 247-262, 2011.
_____. *Endereçamentos: aproximações da arte e da política*. Coimbra: Palimage, 2014.

⁷⁹ “Tem-se o direito à literatura, mesmo se este direito não é respeitado, mesmo se a literatura sempre foi censurada; não há literatura sem o direito de tudo dizer e de tudo esconder, de tudo dizer eventualmente escondendo. De tudo dizer criptando. E isto é um fenómeno da modernidade. [...] diria que uma literatura é moderna por definição, este fenómeno não tem senão alguns séculos. Não alguns séculos de existência, mas alguns séculos de um direito à existência, a idade de uma reivindicação para um obscuro direito ao evento.” (DERRIDA, 2001, p. 327.)

⁸⁰ Em “This strange institution called literature” (DERRIDA, 2003c, p. 36), Derrida diz que a Literatura é “uma instituição que tende a transbordar (“overflow” / “déborder”) a instituição.

⁸¹ DERRIDA (1993, p. 64-65, grifos nossos). Ideia que Jacques Derrida reiterará na primeira das seis ilações com que termina a enunciação da “tese” da proveniência bíblico-abraâmica da Literatura em “A Literatura no Segredo” (2013a, p. 189).

- BERNARDO, Fernanda; BENSUSSAN, Gérard. *Os equívocos da ética/Les Equivoques de l'éthique*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2013.
- BLANCHOT, Maurice. *L'espace littéraire*. Paris: Gallimard, 1955.
- CIXOUS, Hélène. *Manhattan: lettres de la préhistoire*. Paris: Galilée, 2002.
- DERRIDA, Jacques. *L'écriture et la différence*. Paris: Seuil, 1967.
- _____. *Marges, de la philosophie*. Paris: Galilée, 1972.
- _____. *Posições*. Trad. Maria Margarida Barahona. Lisboa: Plátano, 1974a.
- _____. *Glas*. Paris: Galilée, 1974b.
- _____. *La Carte postale, de Socrate à Freud et au-delà*. Paris: Aubier-Flammarion, 1980.
- _____. *Schibboleth*. Paris: Galilée, 1984.
- _____. Pynché, invention de l'autre. In: _____. *Psyché, inventions de l'autre*. Paris: Galilée, 1987.
- _____. *Signéponge*. Paris: Seuil, 1988a.
- _____. Y a-t-il une langue philosophique? *Autrement*, Paris, n. 102, p. 30-37, nov. 1988b.
- _____. *Du droit à la philosophie*. Paris: Galilée, 1990a.
- _____. Some Statements and truisms about neologisms, newisms, postisms, parasitisms, and other small seismisms. In: CARROLL, David (Ed.). *The States of "Theory", History, Art and critical Discourse*. New York: Columbia University Press, 1990c.
- _____. This strange institution called literature. An interview with Jacques Derrida. In: ATTRIDGE, Derek (Ed.). *Acts of Literature*. New York/London: Routledge, 1992a.
- _____. *Points de suspension*. Paris: Galilée, 1992b.
- _____. *Passions*. Paris: Galilée, 1993.
- _____. Fourmis. In: *Lectures de la différence sexuelle*. Paris: Des Femmes, 1994.
- _____. *O outro cabo*. Trad. Fernanda Bernardo. Coimbra: A mar arte, 1995.
- _____. *Résistances – de la psychanalyse*. Paris: Galilée, 1996.
- _____. *Sur Parole*. Paris: L'Aube, 1999.
- _____. *États d'âme de la psychanalyse*. Paris: Galilée, 2000a.
- _____. *Foi et Savoir*. Paris: Seuil, 2000b.
- _____. Le ressassement ou le droit à la littérature. In: _____. *Écritures du ressassement*. Bordeaux: Presses Universitaires de Bordeaux, 2001.
- _____. *H. C. pour la vie, c'est-à-dire...* Paris: Galilée, 2002a.
- _____. *Fichus*. Paris: Galilée, 2002b.
- _____. *Inconditionnalité ou souveraineté, L'Université aux frontières de l'Europe*. Ed. bilingue grego/francês. Trad. e notas Vanghélis Bitsoris. Athènes: Patakis, 2002c.
- _____. *Genèse, généalogies, genres et le génie*. Paris: Galilée, 2003a.
- _____. *Chaque fois unique, la fin du monde*. Paris: Galilée, 2003b.
- _____. *Políticas da amizade*. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2003c.
- _____. *Déplier Ponge*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2005a.
- _____. *Aprender finalmente a viver*. Trad. Fernanda Bernardo. Coimbra: Ariadne, 2005b.
- _____. Penser ce qui vient. In: MAJOR, René (Dir.). *Derrida pour les temps à venir*. Paris: Stock, 2007.
- _____. *Séminaire, la bête et le souverain*. Paris: Galilée, 2008. v. 1.
- _____. *Demeure, Athènes*. Paris: Galilée, 2009.
- _____. *Séminaire, la bête et le souverain*. Paris: Galilée, 2010. v. 2.
- _____. La Déconstruction et l'autre. In: _____. *L'événement Déconstruction, Les Temps modernes*, 67 ième année, n. 669/670, Juillet/Octobre 2012a.
- _____. *Séminaire, la peine de mort*. Paris: Galilée, 2012b. v. 1.
- _____. *Dar a morte*. Trad. Fernanda Bernardo. Coimbra: Palimage, 2013a.
- _____. Les arts de l'espace. In: _____. *Penser à ne pas voir*. Paris: Editions de la Différence, Paris, 2013b.
- _____. *Le dernier des Juifs*. Paris: Galilée, 2014.
- _____. *Séminaire, la peine de mort*. Paris: Galilée, 2015. v. 2.
- _____. *O monolinguismo do outro*. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2002.

“Perdão por não querer dizer...”: o segredo da literatura de Abraão a Derrida

- _____. *Circonfession*. In: DERRIDA, J. ; BENNINGTON, G. *Jacques Derrida*. Paris: Seuil, 1991.
- DERRIDA, Jacques; MALABOU, C. *La Contre-Allée*. Paris: La quinzaine Littéraire, 1999.
- DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. *De quoi demain...: dialogue*. Paris: Fayard/Galilée, 2001.
- HABERMAS, Jurgen. *Le discours philosophique de la modernité*. Paris: Gallimard, 1988.
- HELDER, Herberto. A colher na boca. In: _____. *Poesia toda*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1981.
- LACAN, Jacques. *O mito individual do neurótico*. Trad. Tito Cardoso et al. Lisboa: Assírio e Alvim, 1980.
- LACOUÉ-LABARTHE, Philippe. *Phrase*. Paris: Bourgeois, 2000.
- LEVINAS, Emmanuel. *Quatre lectures talmudiques*. Paris: Minuit, 1968.
- _____. *Humanisme de l'autre homme*. Montpellier: Fata Morgana, 1972.
- _____. *L'au-delà du verset*. Paris: Minuit, 1982.
- _____. *De outro modo que ser ou para lá da essência*. Trad. José L. Pérez e Lavínia L. Pereira. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Tristes topiques*. Paris: Plon, 1955.
- NANCY, Jean-Luc. *La Déclousion*. Paris: Galilée, 2005.

Minicurrículo

Fernanda Bernardo é professora de Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e tradutora de Jacques Derrida, Jean-Luc Nancy, Emmanuel Levinas e Maurice Blanchot.